
S

TEVE BRUCE, UM SOCIÓLOGO EM DEFESA DA TEORIA DA SECULARIZAÇÃO

Renan William dos Santos
Universidade de São Paulo – São Paulo
São Paulo – Brasil

Nascido no ano de 1954, em Edimburgo, Escócia, Steve Bruce atualmente é professor de sociologia na Universidade de Aberdeen – uma instituição fundada em 1495, por iniciativa de um bispo católico da região, e que por si só já simboliza, com sua história, boa parte do processo de secularização. Com diversos livros e artigos publicados, Bruce é hoje uma das maiores referências no campo da sociologia da religião, tendo escrito sobre temas como fundamentalismo, participação das religiões na política e, principalmente, secularização.

Grande parte de seus artigos e quatro de seus livros tratam especialmente desse último tópico, isso sem contar as inúmeras menções que ocorrem em praticamente todas as suas obras. Sem medo de afirmar e propagar suas posições teóricas – por muitos taxadas como “fora de moda”¹ –, Bruce é um defensor convicto da teoria da secularização, não só para descrever o que já aconteceu durante a formação das sociedades modernas, principalmente no Ocidente, mas também para entender a dinâmica atual das relações entre as religiões e as diversas outras esferas da vida social.

Se os conceitos são pontes que nos permitem atravessar a confusão caótica do mundo concreto rumo à ordem compreensível do mundo das ideias científicas, pode-se dizer que, enquanto muita tinta se gastava sobre o assunto, bastante água já correu por baixo dessa velha ponte chamada secularização. Muitos defendem a destruição dessa ponte, alegando que ela não serve mais para os dias de hoje, que está superada e já não suporta o tráfego teórico que teimam em querer fazer circular por ela. Outros argumen-

tam que, na verdade, ela nunca levou para lugar algum, e apenas os iludidos a teriam atravessado. Por fim, restam ainda aqueles que, como Bruce, asseguram que, sendo usada corretamente, a ponte continua tão útil e confiável como antes – obviamente, ela não é o único caminho, mas sua destruição significaria abrir mão de uma das melhores vias para se acessar a realidade do papel e da natureza das religiões nas sociedades modernas.

É isso que Bruce busca demonstrar mais uma vez neste artigo, *Secularization and the Impotence of Individualized Religion*², de 2006. Após passar por dados indicando o declínio das crenças e práticas religiosas em diversos países, Bruce detém-se em um breve esclarecimento de alguns pontos que recorrentemente são ignorados no debate acerca da teoria da secularização, mas que são cruciais no entendimento da *mudança* no papel que as religiões desempenham no mundo contemporâneo. Aliás, nunca é demais salientar que a teoria da secularização é uma teoria que busca dar conta da mudança social que traz consigo uma mudança religiosa.

Pois bem, a conjunção das noções de pluralismo, igualitarismo e individualismo é fundamental na elucidação proposta por Bruce: não é simplesmente em decorrência da convivência de pessoas com crenças diferentes ou com crença nenhuma (pluralismo) que as sociedades se secularizam. No começo, a perseguição (muitas vezes com um resultado letal) perpetrada pelos grupos de crença majoritários bem como o isolamento confessional (simbolizado pelo lema *cujus regio, eius religio*) eram suficientes para lidar com o pluralismo. É apenas com o fortalecimento dos ideais de igualitarismo e dos direitos individuais que o pluralismo se torna secularizante. Uma vez que todas as posições e pessoas precisam ser respeitadas, para se evitar um conflito insustentável e divisões sectárias, tanto o Estado quanto o espaço público, e até mesmo as relações interpessoais, precisam se tornar cada vez mais neutros em matéria de crenças religiosas.

Outro mote fundamental da argumentação de Bruce é a rejeição da ideia de que a religiosidade seria algo intrínseco ao ser humano e que o declínio de certas formas tradicionais de religião apenas abriria uma janela para o surgimento de novos movimentos religiosos, ou de novas formas de espiritualidade (como a New Age). De forma combativa e às vezes mordaz, como é característico em muitos de seus textos, Bruce utiliza-se de dados gerados por autores antagonistas para extrair conclusões teóricas contrárias às deles. Os alvos, nesse caso, são principalmente Paul Heelas e Linda Woodhead, dois autores que apostam no crescimento das espiritualidades alternativas para preencher as supostas carências existenciais deixadas pelo avanço da secularização nas sociedades modernas. Conforme a irônica metáfora de Bruce, os próprios dados que aqueles autores apresentam demonstram que tal expectativa seria correspondente a esperar que um trem de brinquedo puxasse vagões de carga reais.

Segundo Bruce, além de cativar poucas pessoas, as religiosidades alternativas também não seriam capazes de gerar um *revival* religioso nas sociedades modernas pelo simples fato de serem incapazes de fornecer uma base de ação conjunta. Tais espiritualidades são extremamente individualistas: o eu (self) é a autoridade máxima para decidir o que convém ou não em cada prática ou ensinamento; não há visões de

mundo compartilhadas, uma fé comum. Com isso, a capacidade de um impacto social mais amplo dessas crenças torna-se muito reduzida. Dessa maneira, Bruce demonstra que uma sociologia da religião feita pelo lado da demanda, que acompanhe quem está religiosamente envolvido e de que modo se dá esse envolvimento, serve para apagar a impressão de efervescência religiosa que se pode ter com uma sociologia limitada a analisar o surgimento de novas formas de ofertas espirituais.

É aqui que também se torna explícito o embate de Bruce com a assim chamada “teoria econômica” ou “teoria da escolha racional” da religião, encabeçada por Rodney Stark, Roger Finke, William Sims Bainbridge e Laurence Iannaccone. Bruce já escreveu um livro inteiramente voltado à crítica dessa teoria³, e de tempos em tempos um dos lados dessa disputa publica algum livro ou artigo provocando o outro com réplicas teóricas e novos dados empíricos⁴. Porém, enquanto Stark já conta com vários livros traduzidos para o português, até agora não havia nada de Bruce disponível em nossa língua. Portanto, esta tradução, de um texto pequeno e direto ao ponto, busca difundir e tornar mais acessível a obra de Bruce, principalmente aos que estão começando a navegar pelas turbulentas águas da teoria sociológica sobre religião. Afinal de contas, é preciso primeiro conhecer as coisas que há do outro lado antes de almejar queimar as pontes.

Agradeço aos colegas do grupo de estudos “Diversidade religiosa na sociedade secularizada” e ao professor Reginaldo Prandi pela cuidadosa revisão e sugestões que contribuíram enormemente para a realização desta tradução.

Notas

- ¹ Basta conferir o título de seu mais recente livro acerca da teoria da secularização: *Secularization: In Defence of an Unfashionable Theory* (2011), publicado pela Oxford University Press.
- ² Publicado originalmente na coletânea *The Hedgehog Review – After Secularization*, vol. 8, n° 1-2: 35-46.
- ³ BRUCE, Steve. (1999), *Choice and Religion: A Critique of Rational Choice Theory*. New York: Oxford University Press.
- ⁴ Apenas a título de exemplo, conferir: STARK, Rodney & IANNACCONI, Laurence R. (1995), “Truth? A Reply to Bruce”. *Journal for the Scientific Study of Religion*, vol. 34, n° 4: 516-9; STARK, Rodney. (1999), “Secularization R. I. P.”. *Sociology of Religion*, vol. 60, n° 3: 249-73; BRUCE, Steve. (2001), “Christianity in Britain, R.I.P.”. *Sociology of Religion*, vol. 62, n° 2: 191-203.

Recebido em março de 2016.

Aprovado em maio de 2016.

Renan William dos Santos (renan_william.santos@hotmail.com)

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo (USP), com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), processo n. 2015/02123-8. Pesquisa as relações entre ambientalismo e religião, tendo como pano de fundo as teorias da secularização e do desencantamento do mundo.